

EUA encaram Brasil como desafio

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Os argumentos do Ministro Dilon Funaro começam a fazer efeito entre os banqueiros e Governos credores do Brasil. A sua maneira objetiva de apresentar os dados da crise brasileira e, sobretudo, a firmeza com que vem defendendo o seu raciocínio — “o problema no fundo é do sistema financeiro internacional e não apenas do meu País” — impressiona.

— A dor de cabeça do Presidente José Sarney e os problemas do Ministro Funaro passaram, agora, a ser uma enorme pedra no sapato dos coordenadores da economia mundial — disse ao GLOBO, ontem, um alto funcionário da administração Reagan.

A posição brasileira deixou de ser uma queixa ou uma reivindicação, para tornar-se um desafio. Analistas e banqueiros já começam a admitir que as regras poderão mudar, a partir do momento em que Funaro sentar-se, em Nova York, no fim deste mês, para negociar com os credores privados.

Para boa parte deles, o tom da conversa será duro. Mas, no fundo, os banqueiros — que hoje têm uma situação de caixa mais folgada que na crise de 1982 — terão de concordar com uma solução mais ampla, de longo prazo, para evitar que o Brasil e outros devedores voltem a ameaçar com uma moratória em futuro imediato.

— Se o problema brasileiro não for resolvido até a metade do ano que vem, ele provavelmente vai derrubar cerca de 40 por cento dos lucros dos grandes bancos — comentou William Cline, especialista na dívida internacional, do Institute for International Economics, de Washington.

Os argumentos exibidos pelo Ministro Dilon Funaro, em Washington, no último fim de semana, com jornalistas dos veículos mais importantes, na manhã de sábado, foi bastante produtivo: Funaro parece ter conseguido convencer os redatores especializados de

que o momento é oportuno para repensar todo o sistema financeiro.

O “New York Times”, por exemplo, depois de descrever Funaro como “um idealista com uma missão que considera quase mística”, registrou que os banqueiros e funcionários de Governos estrangeiros descobriram que o Ministro vem negociando não apenas com uma visão pragmática em busca de acordo, mas “como um moralista defendendo um princípio”.

Essa postura, de fato, confunde — ou, no mínimo, dificultada a ação dos banqueiros. Eles preferiam encontrar uma solução financeira para o problema, mas vêm sendo obrigados a encarar um enfoque mais delicado: o aspecto político. Eles tentaram isolar o Brasil, resolvendo, quase às pressas, as questões pendentes com o Chile e a Venezuela, promovendo acordos com uma brevidade fora do comum. Apesar disso, o problema maior ainda permanece: ainda que evitem o “efeito dominó” — afastando a possibilidade dos outros devedores suspenderem o pagamento dos juros, como o Brasil — eles permanecem com um grande problema pois a dívida brasileira representa uma grande percentagem de seus lucros.

A maioria dos analistas lembram que os banqueiros, no fundo, precisam manter o fluxo do dinheiro. Enquanto os juros continuarem sendo pagos, eles podem continuar sobrevivendo.

— Se houvesse um repetido pagamento de toda a dívida latino-americana, a questão do débito criaria um problema ainda maior: os bancos teriam grande dificuldade para colocar o dinheiro a juros (conceder empréstimos) novamente, raciocina Geoffrey Bell, Presidente de uma firma de consultoria econômica.

Segundo o “Wall Street Journal”, os bancos americanos estão, hoje, menos unidos. A maioria deles estaria preferindo um enfoque mais ameno sobre a dívida brasileira: “muitos bancos estão gradualmente admitindo que tem pouca escolha a não ser fazer novas concessões”, publicou o jornal ontem.